

A
BALADA
DO
FELIZES
PARA
NUNCA

STEPHANIE
GARBER

AUTORA DA TRILOGIA CARAVAL



A
BALADA
DO
FELIZES
PARA
NUNCA

Da mesma autora de:

Era uma vez um coração partido

Caraval

Lendário

Finale



TRADUÇÃO: Lavinia Fávero

 GUTENBERG

Copyright © 2022 Stephanie Garber
Copyright © 2023 Editora Gutenberg

Título original: *The Ballad of Never After*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL

Flavia Lago

EDITORAS ASSISTENTES

Natália Chagas Máximo

Samira Vilela

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Fernanda Marão

REVISÃO

Claudia Vilas Gomes

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Lisa Perrin

PROJETO GRÁFICO DE CAPA

Hodder & Stoughton

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Juliana Sarti

DIAGRAMAÇÃO

Christiane Moraes de Oliveira

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Garber, Stephanie

A balada do felizes para nunca [livro eletrônico] / Stephanie Garber ; tradução Lavínia Fávero. -- 1. ed. -- São Paulo : Gutenberg, 2023. -- (Era uma vez um coração partido ; 2)

ePub

Título original: The ballad of never and after
ISBN 978-85-8235-686-9

1. Ficção de fantasia 2. Ficção norte-americana I. Título II. Série.

22-5496

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura norte-americana
813.5

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** 

São Paulo

Av. Paulista, 2.073 . Conjunto Nacional
Horsa I . Sala 309 . Bela Vista
01311-940 . São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420
Silveira . 31140-520
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

www.editoragutenberg.com.br

SAC: atendimento leitor@grupoautentica.com.br

*Para todos os que já tiveram medo
de não encontrar o verdadeiro amor.*



Algumas palavras de alerta

Cara Evangeline,

Uma hora ou outra, você o verá novamente. E, quando isso acontecer, não se deixe enganar por ele. Não se deixe iludir pelas covinhas encantadoras, os olhos azuis sobrenaturais nem pelas reviravoltas que seu estômago poderá dar quando ele te chamar de “Raposinha” – não é um apelido carinhoso, é apenas mais uma forma de manipulação.

O coração de Jacks pode até bater, mas não sente nada. Se ficar tentada a confiar nele de novo, lembre-se de tudo o que o Arcano já fez.

Lembre-se de que foi ele que envenenou Apollo, para poder incriminá-la pelo assassinato e assim concretizar uma profecia há muito esquecida – uma profecia que transformará você na chave que pode abrir o Arco da Valorosa. É só isso que Jacks quer, abrir o Arco da Valorosa.

Provavelmente, ele será gentil com você em algum momento do futuro, para tentar te influenciar a destrancar o arco. Não faça isso.

Lembre-se do que Jacks te disse naquele dia, dentro da carruagem: ele é um Arcano, e você não passa de uma ferramenta para ele. Não se permita esquecer do que Jacks é nem sinta compaixão por ele novamente.

Se precisar confiar em alguém, confie em Apollo, quando ele despertar. Porque ele vai despertar. Você encontrará uma maneira de curá-lo e, quando encontrar, acredite: vocês dois darão um jeito de serem felizes para sempre, e Jacks terá o que merece.

Boa sorte,
Evangeline

Terminou de escrever a carta para si mesma e soltou um suspiro profundo. Em seguida, selou a mensagem com uma boa dose de cera dourada e escreveu: “Caso você se esqueça do que o Príncipe de Copas fez e fique tentada a confiar nele novamente”.

Só fazia um dia desde que descobrira a traição mais recente de Jacks: envenenar Apollo, o príncipe com quem Evangeline acabara de se casar, na noite do casamento. A ferida causada por todo aquele jogo duplo ainda estava tão em carne viva que, para Evangeline, parecia impossível voltar a acreditar em Jacks um dia. Mas a jovem sabia que seu coração ansiava por ter esperança de que o melhor aconteceria. Acreditava que as pessoas podem mudar, acreditava que a vida é uma espécie de história cujo final ainda não foi escrito e, por conseguinte, o futuro está cheio de infinitas possibilidades.

Mas Evangeline não podia se permitir ter esperanças em relação a Jacks ou perdôá-lo pelo que fizera com ela e com Apollo.

E não poderia jamais ajudar o Príncipe de Copas a abrir o Arco da Valorosa. Os Valor, a primeira família real do Magnífico Norte, tinham construído o arco para servir de passagem para um lugar chamado “A Valorosa”. Ninguém sabia o que havia lá, já que as histórias do Norte não eram completamente confiáveis, graças à maldição lançada sobre elas. Algumas dessas lendas não podiam ser escritas sem que começassem a pegar fogo; outras não podiam sair do Norte, e muitas mudavam a cada vez que eram contadas, tornando-se menos confiáveis a cada reconto.

No caso d’A Valorosa, eram dois os relatos conflitantes. De acordo com um deles, a Valorosa era um baú do tesouro que guardava as maiores dádivas mágicas da família Valor. O outro alegava que a Valorosa era uma prisão encantada onde estavam trancafiados seres mágicos de toda espécie, incluindo uma aberração criada pelos Valor.

Evangeline não sabia em qual dos dois relatos acreditava, mas não pretendia permitir que Jacks colocasse suas mãos geladas nem

nas dádivas mágicas nem nos monstros mágicos.

O Príncipe de Copas já era perigoso demais. E estava furiosa com ele. No dia anterior, depois de suspeitar que fora Jacks quem havia envenenado Apollo, Evangeline pensou em seis palavras: “Eu sei o que você fez”.

Os guardas, então, o expulsaram do Paço dos Lobos. Para surpresa de Evangeline, o Arcano foi embora sem resistir nem dizer uma palavra. Mas sabia que Jacks voltaria. Ainda queria algo dela. Só que ela não queria nada com Jacks.

Pegou a carta que acabara de escrever para si mesma, foi até o outro lado da suíte real e colocou a missiva em cima da cornija da lareira, com a parte encerada para cima – para garantir que veria aquelas palavras de alerta caso, um dia, precisasse delas novamente.

A decorative rectangular border with ornate, symmetrical scrollwork and floral motifs at the corners and midpoints of each side, framing the central text.

PARTE I

*Uma enxurrada
cruel de maldições*



Nos recônditos da biblioteca real do Paço dos Lobos, há uma porta que ninguém abre há séculos. Já tentaram atear fogo a ela, arreventá-la com machados e arrombar o cadeado com chaves mágicas. Mas ninguém conseguiu sequer causar um arranhão nessa porta teimosa. Há quem diga que a porta debocha das pessoas. No meio da porta, que é de madeira, tem um brasão em forma de cabeça de lobo. O lobo usa uma coroa, e todos juram que ele sorri cheio de sarcasmo ao ver essas tentativas frustradas. Ou mostra os dentes afiados quando alguém chega perto de abrir tal porta impossível de abrir.

Evangeline Raposa tentou, certa vez. Puxou, forçou e girou a maçaneta de ferro, mas a porta nem se mexeu. Não naquele momento. Nem antes. Mas a jovem tinha esperança de que, agora, seria diferente.

Evangeline se saía muito bem quando o assunto era ter esperanõa.

E também se saía muito bem abrindo portas. Com uma gota de sangue, oferecido de livre e espontânea vontade, era capaz de destrancar qualquer fechadura.

Antes de qualquer coisa, precisava se certificar de que não estava sendo observada, de que não fora seguida ou espionada por aquele comedor de maçã canalha e enganador, em cujo nome não queria nem pensar.

A jovem olhou disfarçadamente para trás. A luz ocre do lampião que trazia consigo expulsou as sombras mais próximas, mas as estantes da biblioteca real do Paço dos Lobos continuaram nebulosas, já que era noite.

Estava nervosa, não conseguia parar quieta, e a luz do lampião bruxuleou. Até então, Evangeline nunca tivera medo do escuro. A escuridão era das estrelas, dos sonhos e da magia que se instaurava entre um dia e outro. Antes de perder os pais, observava as constelações com o pai e ouvia a mãe contar histórias à luz de velas. E nunca teve medo.

Mas, na verdade, não era do escuro nem da noite que sentia medo. Era do formigamento quase imperceptível que se alastrava entre seus ombros. E marcava presença desde o instante em que Evangeline pôs o pé para fora de sua suíte real para cumprir a missão de abrir aquela porta, na esperança de que, quando aberta, levasse a um remédio que salvaria a vida de seu marido, Apollo.

A sensação insólita era tão sutil que, de início, ela se permitiu pensar que não passava de paranoia.

Não estava sendo seguida.

Não ouvira nenhum passo.

Até que...

Evangeline perscrutou a escuridão da biblioteca, e um par de olhos sobre-humanos a encarou. Olhos azuis prateados, brilhantes e luminosos, feito uma estrela partida. Imaginou que esses olhos brilhavam só para provocá-la. Mas sabia que, apesar de estarem brilhando, apesar de esses olhos iluminarem a escuridão e a deixarem tentada a baixar o lampião, não podia confiar neles. E não podia confiar nele.

Jacks. A jovem tentou não pensar no nome dele, embora fosse impossível não fazer isso ao vê-lo sair da penumbra, indolente, confiante – e belo como sempre. O Príncipe de Copas se movimentava como se a noite precisasse ter medo dele.

O formigamento nos ombros de Evangeline desceu pelos braços, uma carícia inquietante que foi até a última cicatriz de coração partido que lhe restava. A ferida ardeu, depois latejou, como se Jacks a tivesse mordido de novo.

A jovem brandiu o lampião como se fosse uma espada.

– Vá embora, Jacks. – Apenas dois dias haviam se passado desde que pedira para os guardas expulsarem o Arcano do Paço

dos Lobos, e ela torcera para que Jacks ficasse longe dali por mais tempo: para sempre seria o ideal. – Sei o que você fez e não quero te ver.

Jacks enfiou as mãos nos bolsos da calça. A camisa cinza-fumaça estava para dentro da calça meio de qualquer jeito. As mangas arregaçadas deixavam os braços finos à mostra e faltavam alguns botões no colarinho. Com aquele cabelo rebelde, agora dourado em vez do sedutor tom de azul-noite, o Príncipe de Copas parecia mais um cavaliço impulsivo do que um Arcano calculista. Mas Evangeline sabia que jamais poderia se permitir esquecer o que Jacks realmente era. O Príncipe de Copas era obcecado, determinado e completamente desprovido de moral e de consciência.

As lendas diziam que seu beijo era mortal para todos, menos para seu único e verdadeiro amor. E que, ao procurar por esse amor, o Arcano deixava um rastro de cadáveres. Evangeline já fora ingênua ao ponto de acreditar que isso significava que o Príncipe de Copas compreendia o que era ter o coração partido, porque seu coração de Arcano fora partido inúmeras vezes enquanto procurava pelo seu amor. Mas agora estava claro como o dia: era ele quem partia corações, porque não sabia amar.

Jacks falou baixinho:

– Entendo se estiver chateada...

– Se? – interrompeu Evangeline. – Você envenenou meu marido!

O Príncipe de Copas ergueu os ombros, demonstrando que isso não lhe causava nenhuma preocupação.

– Mas não o matei.

– Você não ganha pontos por isso.

Ela teve dificuldade de evitar que a voz tremesse.

Até então, Evangeline não havia se dado conta de que, em parte, ainda se segurava a um fio de esperança de que Jacks fosse inocente. Mas o Arcano nem sequer estava tentando negar. Não se importava com o fato de que Apollo era pouco mais do que um cadáver, assim como não havia se importado quando Evangeline foi transformada em pedra.

– Você precisa parar de me julgar por parâmetros humanos – disse Jacks, com seu sotaque arrastado. – Sou um Arcano.

– É exatamente por isso que não quero te ver. Desde o dia em que te conheci, meu primeiro amor foi transformado em pedra, *eu* fui transformada em pedra, depois fui transformada em fugitiva, diversas pessoas tentaram me matar, e você envenenou meu marido...

– Isso você já falou.

Evangeline ficou possessa.

O Príncipe de Copas soltou um suspiro e se encostou na estante mais próxima, como se os sentimentos da jovem fossem o equivalente emocional de um espirro – algo do qual a gente se recupera logo ou que pode ser evitado simplesmente saindo da frente da pessoa.

– Não vou me desculpar por ser quem sou. E você está se esquecendo, convenientemente, de que, antes de nos conhecermos, você era uma órfã triste, de coração partido, que tinha uma irmã postiça malvada. Depois que eu entrei na jogada, você se tornou a Queridinha Salvadora de Valenda, casou-se com um príncipe e se tornou princesa.

– Tudo isso aconteceu apenas porque servia aos seus interesses escusos – esbravejou Evangeline. O Príncipe de Copas fizera tudo aquilo por ela, mas só para poder usá-la como ferramenta para abrir o Arco da Valorosa. – As crianças tratam seus brinquedos melhor do que você tem me tratado.

Jacks espremeu os olhos.

– Então por que você não me apunhalou, Raposinha? Naquela noite, lá na cripta, eu te atirei uma adaga, e estava bem perto de você, daria para fazer isso.

Os olhos dele brilharam, achando graça novamente, e se fixaram no pescoço da jovem. No ponto exato em que seus lábios haviam pairado, há três noites.

Evangeline ficou corada com a memória indesejada dos dentes e da língua do Arcano em sua pele. Na ocasião, Jacks fora infectado pelo veneno de vampiro, e ela fora infectada pela estupidez.

Fizera companhia ao Arcano naquela noite para distraí-lo, para que Jacks não bebesse sangue humano e se tornasse vampiro também. Ele não bebeu sangue humano, mas bebeu da compaixão de Evangeline. O Príncipe de Copas lhe contou a história da jovem que fizera seu coração voltar a bater: a princesa Donatella, que deveria ser seu único e verdadeiro amor. Mas, em vez de desempenhar tal papel, a princesa Donatella resolveu ficar com outro e apunhalou Jacks no peito.

Depois de ouvir essa história, Evangeline começou a ver Jacks como o compassivo Príncipe de Copas a quem fora pedir ajuda. Mas Jacks não tinha coração e era todo problemático. E ela precisava parar de ter esperança de que, um dia, o Arcano pudesse ser mais do que isso.

– Cometi um erro na noite que passamos na cripta. – Evangeline expulsou o rubor das bochechas e olhou bem nos olhos sobre-humanos de Jacks. – Mas, se me der outra oportunidade, não vou titubear antes de te dar uma facada.

O Príncipe de Copas deu um sorriso irônico, mostrando aquelas covinhas que não merecia ter.

– Fico quase tentado a testar essa ameaça. Mas você teria que fazer algo além de simplesmente me ferir, caso queira se livrar de mim. – Nessa hora, Jacks tirou uma maçã de um branco intenso do bolso e começou a brincar com ela. – Se você *realmente* quer que eu saia de sua vida para sempre, me ajude a encontrar as pedras que faltam e abra o Arco da Valorosa. Depois disso, prometo que nunca mais irá me ver.

– Por mais que eu adore a ideia de nunca mais te ver, jamais vou abrir esse arco para você.

– E por Apollo?

Evangeline sentiu uma pontada aguda de dor pelo príncipe e mais uma onda de raiva por Jacks.

– Não ouse pronunciar o nome dele.

O Arcano abriu um sorriso que deu a ele uma expressão estranha, de quem sentia prazer com a raiva dela.

– Se você se dispuser a me ajudar, irei despertar o príncipe de seu estado suspenso.

– Se acredita mesmo que eu faria isso, está delirando. – O primeiro trato que Evangeline fizera com Jacks dera início a toda aquela confusão. Chega de tratos com ele, de parcerias, chega de tudo isso. – Não preciso que você salve a vida de Apollo. Já descobri outra maneira.

A jovem ergueu o queixo, sinalizando a porta lacrada da biblioteca, que ainda estava meio encoberta por sombras. Mesmo assim, Evangeline podia jurar que a cabeça de lobo coroada sorriu, como se soubesse que ela era a pessoa que finalmente abriria sua fechadura.

Jacks lançou um olhar para a porta e deu uma risadinha discreta e debochada.

– Você acha que encontrará a cura para Apollo aí dentro?

– Sei que vou encontrar.

O Príncipe de Copas riu de novo; desta vez, a risada foi mais sinistra. Em seguida, mordeu a maçã, todo alegre.

– Me avise quando mudar de ideia, Raposinha.

– Não vou mudar de...

O Arcano sumiu antes que a jovem pudesse terminar a frase, deixando para trás somente o eco de sua gargalhada nefasta.

Mas Evangeline não se deixaria irritar. Um bibliotecário idoso lhe contara que aquela porta levava a todos os livros e a todas as histórias a respeito da família Valor, que haviam desaparecido. Apesar de a primeira família real do Norte ser humana, havia um consenso de que todos os seus integrantes possuíam poderes impressionantes. Diziam que Honora Valor, a primeira rainha do Norte, foi a maior curandeira de todos os tempos. E Evangeline tinha ótimos motivos para acreditar que, em meio às histórias que ficavam do outro lado daquela porta, haveria lendas sobre as curas realizadas por Honora. O que, com sorte, incluiria uma maneira de despertar alguém de um estado de sono suspenso.

Evangeline pegou a adaga, uma arma que tinha pedras preciosas no cabo, algumas delas faltando. A adaga, na verdade,

era de Jacks: a mesma que o Arcano lançara para ela na noite em que passaram na cripta. O Príncipe de Copas deixara a faca para trás na manhã seguinte, e Evangeline ainda não sabia ao certo por que a pegara. Não queria ficar com a arma – não mais –, mas ainda não tivera tempo de substituí-la, e aquele era o objeto mais afiado que possuía.

Foi só furar o dedo com a adaga que o sangue brotou, vermelho. A jovem pressionou o dedo na porta e sussurrou as palavras “Abra, por favor”.

A fechadura fez *clique* na mesma hora. A maçaneta girou com facilidade.

Pela primeira vez, em séculos, a porta se escancarou.

E Evangeline entendeu por que Jacks tinha rido da cara dela.



Evangeline passou pela porta, e o chão abaixo de seus pés se esmigalhou, parecia que seus sapatinhos estavam pisando em biscoitos e não em pedras. Lembrava um pouco a esperança da jovem: desintegrava-se rapidamente.

Aquele recinto deveria conter estantes de livros sobre a família Valor, respostas para suas perguntas, a cura para o príncipe Apollo. Mas ali só havia um suspiro de ar enevoado, que formava espirais em volta de um arco de mármore com relevos dramáticos.

Ela fechou os olhos e os abriu novamente, como se, piscando, pudesse fazer o arco desaparecer e os preciosos livros aparecerem em seu lugar. Infelizmente, as piscadelas de Evangeline não continham magia.

Mas, mesmo assim, não desistiria.

No Império Meridiano, sua terra natal, o arco seria apenas uma curva decorativa de pedra entalhada, com tamanho suficiente para emoldurar uma porta dupla. Mas ali era o Magnífico Norte, onde os arcos eram coisas completamente diferentes. Ali, os arcos eram portais mágicos construídos pelos Valor.

Aquele arco tinha anjos poderosos, de armadura, esculpidos em suas colunas – pareciam guerreiros em lados opostos de uma batalha eterna. Um dos anjos estava de cabeça baixa e tinha uma asa quebrada: quase parecia triste, ao passo que o outro parecia bravo. Ambos brandiam suas espadas, cruzadas no meio do arco, desencorajando qualquer um que tivesse o desejo de entrar.

Só que Evangeline não era qualquer uma. E mais: a natureza proibida do arco lhe dava ainda mais vontade de olhar lá dentro.

Talvez o arco fosse um portão de acesso aos livros e ao remédio de que precisava para salvar a vida de Apollo. Se o bibliotecário idoso tivesse razão, e aquele recinto contivesse todas as lendas a respeito dos Valor, talvez os anjos protegessem os livros da maldição das histórias, para que não fossem corrompidas. Talvez Evangeline só precisasse encostar seu sangue em uma das espadas, para que os anjos dessem um passo para o lado, educadamente, e permitissem sua entrada.

Ela deu mais um passo, com uma sensação de emoção e esperança, furou o dedo novamente com a adaga e encostou o sangue que se acumulou na espada de um dos anjos.

A espada se acendeu feito uma vela. Veios de ouro reluzente formaram uma espécie de teia de aranha pelas espadas de pedra, pelos anjos, por todo o arco. Era algo brilhante, cintilante e mágico. A pele da jovem formigou porque a poeira do arco se ergueu no ar e reluziu em volta dela, feito minúsculas estrelas incandescentes. O ar que, até então, estava gelado, ficou aquecido. Evangeline já sabia que estava predestinada a entrar naquele recinto, encontrar aquele arco, abrir...

De repente, o ar foi expulso de seus pulmões, porque esse pensamento disparou o alerta dado por Tiberius, irmão mais novo de Apollo: “Você nasceu para abri-lo. As coisas mágicas sempre fazem aquilo para o qual foram criadas”.

E Tiberius acreditava que Evangeline fora criada para destravar o Arco da Valorosa.

A jovem foi cambaleando para trás, ouvindo, em sua lembrança, a risada de Jacks. Desta vez, não lhe pareceu nem um pouco sinistra. A gargalhada lhe pareceu de prazer, de divertimento, *alegre*.

– Não – sussurrou ela.

As pedras ainda reluziam, graças aos fios de ouro que se entrelaçavam em volta das colunas. Evangeline ficou observando os fios se alastrarem pelo topo do arco, iluminando uma série de palavras em letra rebuscada que, até aquele momento, não eram visíveis.

“Concebida no Norte e nascida no Sul, a chave será reconhecida porque estará coroada de ouro rosê.

“Ela será tanto plebeia quanto princesa, uma fugitiva acusada injustamente. E apenas seu sangue, dado de livre e espontânea vontade, abrirá o arco.”

O sangue de Evangeline gelou.

Não eram meras palavras. Eram... Ela não queria nem pensar. Mas fingir não apagaria nem mudaria nada. Aquela era a profecia do Arco da Valorosa, a mesma que lhe rendera a manipulação de Jacks para que Evangeline concretizasse a profecia. Ou seja: aquele não era um arco qualquer. Era o *próprio* Arco da Valorosa.

O pânico substituiu todos os demais sentimentos.

Aquilo era impossível. Teoricamente, o arco estava despedaçado. Apesar de haver duas lendas conflitantes a respeito dos conteúdos mágicos da Valorosa, ambas tinham um ponto em comum: o Arco da Valorosa tinha sido fragmentado e seus pedaços estavam escondidos por todo o Norte, para impedir que alguém soubesse qual era a profecia e evitar que fosse reconstituído.

– Não, não, não, não, não...

Evangeline tentou limpar o próprio sangue das pedras com movimentos frenéticos antes que Jacks ou outra pessoa descobrisse o que ela havia feito. Os anjos não tinham mudado de postura, mas ela temia que, a qualquer instante, uma porta aparecesse atrás das estátuas ou que os anjos lhe dessem passagem. Cuspiu e esfregou o sangue com a manga da túnica. Mas o brilho do arco iluminado não diminuiu.

– Sabia que Vossa Alteza conseguiria abrir a porta.

A voz rouca que ouviu era velha demais para ser de Jacks. Mas seu som fez o coração de Evangeline parar de bater mesmo assim.

– Mil perdões, Vossa Alteza. Percebo que a assustei novamente.

– Novamente?

Evangeline se virou para trás.

O homem parado perto da porta era pequeno, quase do tamanho de uma criança, apesar de ser bem mais velho do que ela, e tinha

uma barba longa e grisalha, com fios de ouro envelhecido, no mesmo tom da barra de suas vestes brancas.

– Você... – Por um instante, ela ficou abalada demais para pronunciar as palavras. – Você é o bibliotecário... a primeira pessoa a me mostrar a porta deste cômodo.

– Vossa Alteza se lembra. – Apesar de o homem estar visivelmente satisfeito, o sorriso do ancião não ajudou a tranquilizá-la. Como o arco, ele parecia quase reluzente; a barba, antes de um grisalho normal, mudara para um prateado iridescente. – Gostaria de ter mais tempo para conversar, mas a senhorita precisa se apressar e encontrar as pedras que faltam.

O bibliotecário, então, olhou para cima, para o topo do arco, onde faltavam quatro pedras. Os buracos pareciam menores do que a palma da mão de Evangeline – não eram os grandes pedaços de pedra quebrada que ela havia imaginado. Mas a jovem teve certeza, na mesma hora, de que *aqueles* eram os pedaços quebrados que precisavam ser encontrados para de fato destrancar o Arco da Valorosa.

Usar o próprio sangue não era suficiente. Ela sentiu uma onda de alívio.

– Vossa Alteza precisa encontrar as pedras – repetiu o bibliotecário. – Uma da sorte. Uma da verdade. Uma do contentamento. Uma da juventude. Mas deve tomar cuidado. As pedras são poderosas e enganadoras. E a tradução...

– Não! – interrompeu Evangeline. – Não vou procurar essas pedras. *Nunca* vou abrir este arco. Encostar meu sangue nele foi um erro.

O ancião franziu o cenho cansado.

– Não foi um erro, é o seu destino...

A voz dele sumiu, porque, de sua boca, saiu fumaça em vez de som.

O homem fez careta e tentou falar novamente, mas só saíram lufadas de cinza e branco. A fumaça formou as palavras “Ai, droga”, como se aquele tipo de coisa acontecesse o tempo todo.

Então a barba do bibliotecário também se transformou em fumaça, igualzinho ao que acontecera com suas palavras. Suas mãos, de repente, ficaram translúcidas, assim como as vestes e o rosto enrugado, que tinha ficado transparente, feito cortinas de voal.

– O que você é? – sussurrou Evangeline, tentando entender o que estava vendo.

Já tinha se deparado com vampiros e Arcanos, e sua irmã postiça era bruxa, mas não sabia o que era aquele ser.

– Sou bibliotecário – finalmente conseguiu dizer, mas as palavras saíram feito algo conduzido por uma lufada de vento, um som rouco e distante. – Sei que isso me faz parecer um tanto suspeito, mas posso lhe garantir que, ah, se a senhorita soubesse da verdade... se eu conseguisse lhe contar...

O ancião desapareceu completamente antes de conseguir terminar a frase, deixando Evangeline apenas com aquelas ramificações de fumaça insistentes e com a sensação perturbadora de que, talvez, o Príncipe de Copas não fosse a única força sobrenatural da qual precisava desconfiar.



Dias depois, o coração de Evangeline ainda batia acelerado. Ela não queria pensar no conteúdo do Arco da Valorosa. Não queria imaginar seus segredos. Não queria se lembrar do desespero do velho bibliotecário, quando falou “ah, se a senhorita soubesse da verdade”.

– Nosso prazo está chegando ao fim – disse Havelock, com a voz rouca, enquanto a carruagem onde estavam sacolejava por mais uma rua de paralelepípedos coberta de neve branco-azulada.

Havelock era o guarda pessoal de Apollo, mas estava fazendo as vezes de acompanhante de Evangeline enquanto ambos procuravam, em segredo, por um remédio caseiro para a condição de Apollo. Ao longo da última semana, tinham consultado místicos e boticários, doutores da medicina e médicos da cabeça. Abriam portas até então trancadas e entraram em bibliotecas cheias de lendas, mas não encontraram ajuda em nenhuma delas. “Ninguém fica em estado suspenso desde a época de Honora Valor”, era a resposta costumeira, seguida de olhares curiosos que ensejavam saídas de fininho.

Ninguém sabia que o príncipe Apollo ainda estava vivo, e essa informação não podia vazar. O príncipe estava demasiado vulnerável em seu estado de saúde. No que dependia do público, tinha sido o príncipe Tiberius, irmão mais novo de Apollo, quem o assassinara. Evangeline sentiu uma pontada de culpa, já que sabia que isso era mentira. Mas, desde que Tiberius havia tentado matá-la, não sentia mais tanta culpa assim.

– Essa pode ser nossa última chance de salvar a vida do príncipe – declarou Havelock.

Mas Evangeline sabia que o guarda não tinha tanta razão assim. Sempre havia a possibilidade de ela se dispor a abrir o Arco da Valorosa para Jacks – mas não comentou isso com Havelock. Ainda tinha esperanças de que houvesse outra maneira de salvar a vida de Apollo.

- Vossa Alteza viu o último tabloide? – perguntou o guarda.
- Estou evitando essas leituras – respondeu a jovem.

Mesmo assim pegou o papel enrolado que Havelock, que estava sentado de frente para ela na carruagem gelada, ofereceu.

TODOS LOUVAM LUCIEN JARETH ACADIAN

Por Kristof Knightlinger

O mais recente herdeiro do trono, Lucien Jareth, da Casa Acadian, deve chegar a Valorfell amanhã, e já circulam tantos boatos a respeito dele que perdi a conta. Ouvi dizer que, quando não está construindo casas para os pobres ou procurando famílias para adotar cachorros e gatinhos de rua, o herdeiro do trono ensina órfãos a ler.

Nosso contato real no Paço dos Lobos também confirmou que os preparativos para o próximo Sarau Sem Fim já estão em andamento.

Evangeline parou de ler, não tinha mais estômago para aquilo. Assim que fora inocentada do assassinato de Apollo, os jornais pararam de publicar matérias a seu respeito e passaram a falar do novo herdeiro do trono, Lucien Jareth Acadian, primo distante do príncipe. Os relatos eram sempre piegas, fazendo o tal de Lucien parecer mais santo do que homem.

– O quanto disso será verdade de fato? – ponderou.

– Não sei – disse Havelock. – Acho que só podemos ter certeza de que ele chegará amanhã.

Amanhã.

De repente, essa palavra lhe pareceu tão ameaçadora. Mesmo que o tal de Lucien realmente fosse um exemplo de virtude que amava órfãos e passava o tempo salvando a vida de cachorrinhos, ainda assim iria tomar posse do trono de Apollo no dia seguinte. A menos que Evangeline curasse seu príncipe naquele mesmo dia.

– Não precisa se preocupar – comentou ela, com uma segurança que não sentia. – LaLa vai nos ajudar.

A carruagem parou quando chegou aos pináculos. Para Evangeline, as torres em caracol cheias de casas e estabelecimentos comerciais mais pareciam uma cidadezinha de conto de fadas salpicada de neve.

Era ali que Ariel Lágrimas, mais conhecida como LaLa, morava. Também conhecida como a Noiva Abandonada, LaLa era um Arcano, como Jacks – só que era amiga de Evangeline. Quando a jovem foi envenenada por Tiberius, foi LaLa quem a salvou, e Evangeline tinha esperanças, em seu desespero, de que a amiga pudesse fazer a mesma coisa por Apollo.

Na verdade, LaLa foi a primeira pessoa que Evangeline procurou, mas na ocasião encontrou um aviso do lado de fora do apartamento dela escrito “Saí para me aventurar!”. Evangeline não sabia onde sua amiga fora se aventurar, mas enviara soldados reais para ficar de guarda, esperando-a voltar – o que, de acordo com os guardas, acontecera naquela manhã.

Enquanto subia os degraus até a casa de LaLa, o ar saía de suas narinas em nuvens brancas e fofas. Até então Evangeline não havia reparado, mas o corrimão tinha versos de lendas gravadas neles. Coisas do tipo:

“Era uma vez uma garota de rabo peludo, que sempre se arrepiava quando ia nevar.”

Ou: “Era uma vez uma casa onde, constantemente, saíam risadas da chaminé, em vez de fumaça”.

O apartamento de LaLa realmente parecia o tipo de lar onde risadas espontâneas poderiam sair pela chaminé. A fachada era de um amarelo alegre e sarapintado, com uma porta branca e redonda, que tinha uma aldrava em forma de cabeça de dragão.

– Ah, minha amiga preciosa! – LaLa abriu a porta antes de dar tempo de Evangeline bater, um borrão de sorrisos e afetuosidade que a enlaçou em um abraço que deu a impressão de que as duas se conheciam há uma vida e não há apenas poucas semanas. – Você escolheu o momento perfeito para fazer uma visita. Tenho tanto para te contar.

Havelock ficou de guarda do lado de fora, e, com passos quase esfuziantes de alegria, LaLa fez Evangeline entrar no apartamento, apesar do aposento causar a impressão contrária. Assim que passaram pela soleira, Evangeline percebeu que aquele não era o mesmo recinto quente e acolhedor de antes. A lareira estava vazia. A mobília alegre permanecia, mas não havia nada pendurado nas paredes, e não havia nada em cima das mesas. Até os lampiõezinhos em forma de gaiola tinham sumido, com exceção de um, apoiado no topo de uma pilha de baús repletos, que aguardavam ao lado da porta.

– Você está de partida?

Evangeline sentiu uma grande pontada de decepção. Torceu para que sua suposição estivesse errada, mas até as roupas que LaLa trajava pareciam confirmá-la. Normalmente, a amiga usava vestidos de lantejoulas, penas ou saias de sereia cintilantes. Mas estava usando um vestido da cor pálida de creme fresco, com mangas tão compridas que escondiam as chamas de dragão tatuadas em seus braços negros. A saia ia até o chão, seguindo o costume do Magnífico Norte. Mas, quando LaLa se dirigiu ao sofá, Evangeline reparou que ela calçava botas de viagem de salto, que apareciam por baixo da bainha.

– Eu estava louca para te contar: estou noiva! – LaLa esticou o braço, exibindo um grosso bracelete de noivado. Reluzente, de ouro, lindo como o sorriso arrebatado que se esboçava nos lábios da garota. – Ele se chama lorde Robin Massacre do Arvored. É um

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A balada do felizes para nunca" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).